

Diálogos

ISSN 2177-2940



Juan Bautista Alberdi, a Guerra do Paraguai e os Revisionismos Históricos

 <https://doi.org/10.4025/dialogos.v24i3.56810>

Arnaldo Lucas Pires Junior

 <https://orcid.org/0000-0001-8557-0341>

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: saadlucas@gmail.com

Vitor Izecksohn

 <https://orcid.org/0000-0003-4668-9707>

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: vizecksohn@gmail.com

Juan Bautista Alberdi, a Guerra do Paraguai e os Revisionismos Históricos.

Resumo: O presente artigo discutirá as origens e os desdobramentos do revisionismo no pensamento historiográfico sobre a Guerra do Paraguai, ressaltando a posição do político e escritor argentino Juan Bautista Alberdi como peça chave na gênese desse movimento de interpretação da guerra. Sem desvalorizar o papel de revisionistas históricos como O'Leary e Baéz, argumentamos que é nos escritos de Alberdi que encontramos a gênese mais bem definida do pensamento revisionista que iria assumir diversas cores político-argumentativa ao longo dos séculos XIX e XX. Concluimos que, ao interpretar a Guerra do Paraguai como uma continuidade das guerras intestinas argentinas, Alberdi inaugura um modelo interpretativo que, explorado à exaustão, definirá o Paraguai como vítima de uma agressão desmedida e baluarte da causa americana.

Palavras-chave: Revisionismo, Alberdi, Guerra do Paraguai.

Juan Bautista Alberdi, the War of the Triple Alliance and Historical revisionisms.

Abstract: This article discusses the origins and developments of Historiographical Revisionist thinking concerning the Paraguayan War, highlighting the work of Argentine politician and writer Juan Bautista Alberdi as a key player in the genesis of this movement. Without devaluing the role of historical revisionists such as Juan O'Leary and Cecilio Baéz, we argue that, in the writings of Alberdi, we find the most well-defined genesis of a revisionist movement that would take on various argumentative political colors throughout the 19th and 20th centuries. We conclude that, by interpreting the Paraguayan War as a continuation of Argentina's intestine wars, Alberdi inaugurated an interpretive model that has been explored to the point of exhaustion, defining Paraguay as the victim of excessive aggression and a stronghold of the American cause.

Key words: Revisionism, Alberdi, Paraguayan War.

Juan Bautista Alberdy, la Guerra del Paraguay y los Revisionismos Historicos.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo discutir los orígenes y desarrollo del revisionismo en el pensamiento historiográfico sobre la Guerra del Paraguay, destacando la posición del político y escritor argentino Juan Bautista Alberdi como actor clave en la génesis de este movimiento de interpretación de la guerra. Sin desmerecer el papel de revisionistas históricos como O'Leary y Baéz, sostenemos que es en los escritos de Alberdi donde encontramos la génesis mejor definida del pensamiento revisionista que tomaría diversos matices políticos argumentativos a lo largo de los siglos XIX y XX. Concluimos que al interpretar la Guerra del Paraguay como una continuación de las guerras intestinas argentinas, Alberdi inauguró un modelo interpretativo que, explorado al máximo, definirá a Paraguay como víctima de una agresión y bastión de la causa sudamericana.

Palabras clave: Revisionismo, Alberdi, Guerra del Paraguay.

Recebido em: 22/11/2020

Aprovado em: 13/12/2020

O historiador que se aventure na leitura das dissertações e teses sobre a Guerra do Paraguai produzidas ao longo dos últimos vinte anos se depara com uma constatação: uma breve folheada pelo índice destes trabalhos descortinará a discussão historiográfica centrada na revisão bibliográfica, apontando as três clássicas vertentes interpretativas da Guerra, suas respectivas contribuições e os problemas apresentados por cada uma delas. Dentre as vertentes apresentadas – normalmente divididas entre “tradicional”, “revisionista” e “renovada”, seguindo aqui a divisão pioneira construída por Ricardo Salles no início da década de 1990 – chama atenção a crítica feita pelos autores mais recentes ao revisionismo histórico da década de 1960, muitas vezes descrito como anacrônico ou historicamente equivocado.

Ao analisar as observações sobre os trabalhos revisionistas, essas interpretações historiográficas aparecem nas pesquisas como algo datado no tempo, circunscrito ao período compreendido entre os anos de 1960 e 1970. Trata-se de uma observação imprecisa, que identifica o momento citado como o ponto original e culminante das interpretações revisionistas sobre a Guerra. Uma análise mais cuidadosa demonstra que o revisionismo “marxista-dependentista” da década de 1960 (e seus desdobramentos) não constitui a origem das críticas estruturais à Tríplice Aliança. Ao longo das próximas páginas ressaltaremos o papel de Juan Bautista Alberdi (1810-1884) e de seus escritos sobre a Guerra como ponto de partida para a consolidação desta linha de interpretação.

Consideraremos a origem deste modelo de pensamento para entender algumas de suas características mais duradouras. Portanto, compreendemos o revisionismo histórico como um movimento que reproduz determinadas formas de compreensão da Guerra do Paraguai, cuja origem encontra-se no esforço político de Alberdi a favor da causa federal argentina, ameaçada pelo fortalecimento do centralismo liberal buenairense.

Nesse sentido, o Revisionismo histórico apresenta ao historiador um exemplo da interligação entre interpretações do passado e demandas do presente. Essa conexão, por si só, já faria dele um belo caso para estudos no campo da teoria historiográfica. Entretanto, a análise do Revisionismo histórico e de suas múltiplas matizes contribui também para um entendimento mais amplo sobre debate intelectual nas sociedades nas quais estes trabalhos foram produzidos. Ignorar o estudo do revisionismo histórico alegando a manipulação política daquele conflito implicaria na perda das nuances que reforçam o papel da Guerra do Paraguai no processo de construção dos estados platinos, operando, simultaneamente, como um instrumento fundamental da constituição da memória histórica dos países nela envolvidos.

Não se deve negar, todavia, que somente nas últimas três décadas ampliaram-se os estudos empíricos alicerçados em teorias historiográficas. A maior parte desses trabalhos enfatizou as dinâmicas sociais do período na busca de novas interpretações sobre aspectos específicos da Guerra,

geralmente destacando sua influência sobre as populações dos países envolvidos. As respostas obtidas pelos novos trabalhos, em geral, não enquadram o passado a partir de dilemas políticos contemporâneos, mas o situam no contexto de agendas históricas específicas dentro dos cânones da profissão.

Por fim, é importante ressaltar a coragem dos revisionistas – especialmente àqueles que produziram na década de 1960 ao elaborar narrativas que contrariavam diretamente a memória histórica das instituições militares, as quais apoiavam regimes ditatoriais em todas as nações que participaram da Guerra. Essa atitude, ainda que possa ser criticada por sua postura excessivamente militante, colocava esses historiadores em perigo real dentro de seus próprios países, levando alguns deles ao exílio.

Alberdi e as raízes do pensamento revisionista

A Guerra da Tríplice Aliança foi travada em muitas frentes. Para os paraguaios e seus aliados nas províncias argentinas, a propaganda e a diplomacia se tornaram campos de batalha alternativos em uma luta pela sobrevivência. O escritor e diplomata Juan Bautista Alberdi (1810–1884), nascido em San Miguel de Tucumã, era filho de Salvador Cayetano de Alberdi, um comerciante basco, e de Josefa Aráoz y Balderrama, *criolla* que acabou falecendo ao dar à luz a Juan Bautista. Seu pai, defensor da Revolução de Maio e aliado próximo ao general Belgrano, faleceu em 1822, deixando Juan sob os cuidados de seus irmãos mais velhos, que decidiram transferi-lo a Buenos Aires para ingressar no Colégio de *Ciencias Morales*, com uma bolsa oferecida por aquela província. O Colégio, uma invenção de Bernardino Rivadavia e seus colegas Unitários, pretendia formar uma elite nacional para a república. Alberdi não se adaptou às exigências da academia, abandonando os estudos e dedicando-se à música. O jovem tucumano só regressaria aos estudos formais em 1834 quando, agora em Córdoba, bacharelou-se em Direito.

Retornaria então a Buenos Aires somente em 1835, quando participou ativamente das discussões no Salão Literário. Durante esse período teve contato com as ideias liberais, posicionando-se em debates com Juan María Gutiérrez, José Mármol e Miguel Cané. É a partir destas discussões e de suas publicações na imprensa portenha que Alberdi, muitas vezes escrevendo sob o pseudônimo de Figarillo, participará da oposição política à ditadura de Juan Manuel de Rosas.

Dissolvido o Salão literário, graças à perseguição da Mazorca de Rosas, Alberdi decide, ainda em 1838, exilar-se em Montevideú, onde permaneceria até o fim do regime ditatorial.¹

Com a queda de Rosas, Alberdi assumiria papel de primazia nos debates que decidiriam os caminhos do novo Estado argentino que surgiria das cinzas do regime ditatorial anterior.² É também nesse período que o cisma que o separaria de Bartolomeu Mitre e Domingo Faustino Sarmiento viria à tona. A partir de então seus trabalhos moldariam diretamente a construção do Estado argentino, combinando a defesa de uma estrutura federal com um executivo forte, simultaneamente rejeitando a posição de proeminência da província e da cidade de Buenos Aires no contexto nacional.

Para entender a personalidade de Alberdi, dono de uma sensibilidade romântica comum à sua época e defensor de um liberalismo federalista que se opunha diretamente àquele proposto pelas elites portenhas, é preciso compreender a experiência particular destes intelectuais argentinos ligados à chamada “geração de 37” que, ainda que profundamente diversos, tiveram na experiência do exílio seu ponto em comum. Alberdi, por exemplo, viveu exilado em Montevideú, Santiago e, posteriormente, em Paris. Herdeiros diretos da “feliz experiência” de Rivadavia e da Faculdade de Ciências Morais de Buenos Aires, os intelectuais da geração de 37 queriam uma argentina culta, moderna e liberal (Zubizarreta, 2014, p. 17-35). Mas após a queda de Rosas os membros do movimento tomaram direções distintas e Alberdi alinhou-se como um apoiador da proposta federal encabeçada pelo líder federalista Justo José de Urquiza, primeiro presidente da Confederação Argentina. Dessa posição, Alberdi frequentemente enfrentou as agendas políticas das elites de Buenos Aires e de seus representantes intelectuais como Domingo Faustino Sarmiento e Bartolomeu Mitre.

Alberdi foi o mentor intelectual da Constituição Argentina de 1853 e seu livro *Bases y Puntos de Partida* serviu como um esboço para o Estado nacional argentino que emergiria nas décadas seguintes. (ALBERDI, 1990) Mas, após a batalha de Pavón (17/09/1861), o Estado argentino foi paulatinamente dominado pelas forças centrípetas de Buenos Aires. De Paris, onde ele viveu em autoexílio durante a década de 1860, o publicista tucumano escreveu uma série de artigos que se tornaram a condenação pública mais importante da participação argentina na Guerra do Paraguai. Os artigos tinham um objetivo claro: enfraquecer a posição de Bartolomeu Mitre na

¹ Sobre a geração de 1837 e sua influência no campo das ideais, ver (MEYERS, 2010, p. 382-443). A mazorca era a guarda política que Rosas utilizava contra seus adversários.

² Juan Manuel de Rosas foi derrotado na batalha de Caseros em fevereiro de 1852 por uma coalizão integrada pelo caudilho entrerriano Justo José Urquiza, emigrados argentinos, colorados uruguaios e o Império do Brasil, ver (TERNAVASIO, 2013, p. 221-244).

política daquela república, abrindo, desse modo, a oportunidade para o ressurgimento de um regime federalista.³

Uma forma aberta de ataque a Mitre e seus aliados liberais era a denúncia da aliança com o Brasil, consolidada através do Tratado da Tríplice Aliança. Alberdi atribuía a guerra à ganância territorial brasileira. Em sua argumentação, as limitações sociais e culturais impostas pelo clima tórrido na maior parte do Brasil levavam o Império a se voltar para terras mais temperadas no estuário do Prata, no intuito de satisfazer suas ambições territoriais, particularmente para atrair novas levas de imigrantes. A pequena república do Paraguai se encontrava em seu caminho, protegendo o “novo mundo” contra os escravocratas e expansionistas Braganças do Brasil em defesa do republicanismo americano. Segundo Alberdi, uma vitória brasileira levaria à expansão territorial e à submissão da população nativa branca ao Império escravocrata. De acordo com essa perspectiva, o povo argentino era vítima de uma conspiração Unitária, já que a república havia sido enganada por Mitre ao se juntar à Tríplice Aliança, porque seu povo historicamente se opusera aos objetivos expansionistas brasileiros. Alberdi previa um confronto eventual entre os dois poderes em relação aos espólios do Paraguai. Ele culpava especialmente o Império por tentar expandir suas fronteiras históricas no intuito de controlar os recursos naturais e os destinos políticos da região do Rio da Prata.⁴

Alberdi também atacou aquilo que chamou ironicamente de “cruzada civilizacional de Mitre” (BREZZO, 2006, p. 157-175). Em carta a Gregório Benites (1834-1910), amigo mútuo de Alberdi e Solano López, afirmava que: “Mitre a la cabeza de sus ‘cruzados’ de civilización, se dirigió a destruir los ferrocarriles y telégrafos del Paraguay” (Alberdi, 2006, p. 114). Para o escritor argentino, Mitre utilizava o conflito com o Paraguai como elemento de continuidade do processo de submissão das províncias na esteira da vitória em Pavón: um processo cuja consolidação avançava através da militarização do território. O conflito servia assim como instrumento de reforço da hegemonia Imperial e transformava a república argentina em um mero instrumento desse intento.

Seus argumentos combinavam a defesa da causa republicana com elementos da teoria da conspiração escravista, comuns ao debate político do Norte dos EUA no período anterior à Guerra Civil. A tese do “Expansionismo Brasileiro” era o argumento central da campanha de Alberdi a

³ Os trabalhos de Alberdi sobre a Guerra do Paraguai são: “Las Disensiones de Las Repúblicas del Plata y las Maquinaciones Del Brasil”; “Los Intereses Argentinos en La Guerra del Paraguay con el Brasil”; “Crisis Permanentes em Las Repúblicas Del Plata” e “Texto y Comentario del Tratado Secreto de La Triple Alianza contra el Paraguay”. Em 1869 esses artigos foram editados e reunidos em *La Guerra Del Paraguay*. As referências aqui apresentadas são de uma edição argentina de 1988, publicada em Buenos Aires pela Editorial Hispanoamerica.

⁴ Essa abordagem determinista era forte mesmo nos jornais norte-americanos. O New York Herald, o principal veículo de informação sobre a guerra nos Estados Unidos a utilizava constantemente em artigos simpáticos à causa paraguaia.

favor de uma arbitragem internacional que pusesse fim ao conflito. Tentativas de arbitragem, propostas pelos governos britânico e norte-americano de fato ocorreram. Mas nenhuma delas prosperou (CRESPO, 2014, p. 279-313).

Não importa se a visão de Alberdi correspondia ou não à realidade. O nacionalismo geopolítico estava infectado por atitudes e dogmas racistas que efetivamente difundiam uma visão pejorativa das intenções de guerra do Brasil. O positivismo e o determinismo racial eram ideologias interconectadas em meados da década de 1860. Tais pontos de vista pseudocientíficos facilitaram encarar a aliança brasileira como um retorno nocivo e retrógrado do colonialismo lusitano. Os textos de Alberdi davam argumentos tanto para a propaganda paraguaia (exercida através dos jornais de trincheira) como para as polêmicas federalistas que apareciam na imprensa platina, especialmente nas províncias andinas, que foram as mais profundamente afetadas pela guerra.⁵

Sabemos que a batalha das ideias, naquele momento, foi vencida pelos liberais. Seus movimentos para a unificação argentina prevaleceram sobre a defesa do federalismo, efetuada pelos últimos líderes das montoneras. A vitória das forças da Tríplice Aliança também neutralizou as ameaças do Paraguai e dos Blancos uruguaios, removendo os obstáculos externos ao processo de unificação. Curiosamente, os argumentos de Alberdi transcenderam o período da guerra, ressurgindo mais tarde, e de forma transformada, no trabalho dos revisionistas.

Contradições

Se analisarmos o conjunto da obra de Alberdi, perceberemos que as referências ao Paraguai são escassas no período anterior à guerra. Ainda no exílio chileno, em obra publicada em 1844, como requisito para obtenção do grau de licenciado naquele país, o escritor se mostrou um profundo crítico do isolacionismo de Francia que apontava como um dos grandes empecilhos à formalização de um congresso continental americano (ALBERDI, 1844). Ainda em fins da década de 1840, quando o inimigo interno a ser batido era a ditadura rosista, Alberdi impele ao Paraguai levantar armas contra Buenos Aires,

El Paraguay tiene una gran cuestión que debatir: la de su independencia. Él la ha proclamado. La América parece reconocerla tácitamente pero Buenos Aires parece negarla expresamente. El Paraguay tendrá que completar el acto de su congreso por la acción de sus ejércitos. Un país no se proclama nación para vivir como aldea, sino para hacer parte de la vida de las naciones, para figurar entre ellas, rozarse y tratar con ellas, como una de tantas.

⁵ Durante a Guerra o governo paraguaio publicou pequenos folhetos na Europa. Um deles, intitulado *La politique Du Brésil ou La fermeture des fleuves* publicado em Paris em 1867, defendia que o Brasil se lançou à Guerra com o objetivo de fechar todos os rios da bacia do Prata. Se a autoria deste folheto foi ou não de Alberdi é difícil determinar.

¿Lo obtendrá el Paraguay? Sí, pero será por el poder de sus bayonetas. (ALBERDI, 1844, p.131)

Em sua obra mais relevante, *Bases y Puntos de Partida*, Alberdi criticou a constituição paraguaia de 1844 e seu modelo de governo, afirmando que a centralização de poder na figura do chefe do executivo existente naquele país era um exagero que levava à injustiça. A mudança de postura do autor com relação ao regime paraguaio é bastante curiosa e pode ser entendida menos como uma simpatia tardia daquele autor com o regime autocrático do Paraguai do que como uma crítica ao crescente poder centralizador do partido Liberal, comandado por Bartolomeu Mitre.

El poder fuerte es indispensable en América; pero el del Paraguay es la exageración de ese medio, llevada al ridículo ya la injusticia; desde luego que se aplica a una población célebre por su mansedumbre y su disciplina jesuítica de tradición remota. Nada sería la tiranía presente [1852, governo de Carlos Antonio López] si al menos diera garantías de libertades y progresos para tiempos venideros. Lo peor es que las puertas del progreso y del país continúan cerradas herméticamente por la constitución, no ya por el doctor Francia; de modo que la tiranía constitucional del Paraguay y el reposo inmóvil, que es su resultado, son estériles en beneficios futuros y sólo ceden en provecho del tirano, es decir, hablando respetuosamente, del presidente constitucional. El país era antes esclavo del doctor Francia; hoy lo es de su constitución. Peor es su estado actual que el anterior, si se reflexiona en que antes la tiranía era un accidente, era un hombre mortal; hoy es un hecho definitivo y permanente, es la constitución. (ALBERDI, 1990, p.10)

De país de escravos a baluarte da causa da independência americana, a transformação no pensamento de Alberdi em relação ao governo e ao modelo de Estado paraguaio é notável. Compreender as causas dessa transformação é fundamental não só para entendermos a trajetória do pensamento de Alberdi, mas, igualmente, para perceber como sua ação política na Argentina pautou suas visões sobre a república guarani.

No centro do pensamento de Alberdi sobre o conflito estava a noção de que a Guerra do Paraguai constituía um desdobramento das guerras civis intestinas argentinas. Essa argumentação, que se tornaria ponto central em algumas argumentações revisionistas, aparece claramente exposta em dois folhetos intitulados, respectivamente, “Las disensiones de las repúblicas del Plata y las maquinaciones del Brasil” de maio de 1865 e “Los intereses argentinos en la guerra del Paraguay con el Brasil” de junho do mesmo ano. Nestes dois trabalhos Alberdi analisa as causas do conflito e suas relações com a política facciosa argentina, atacando diretamente tanto o Império como a Mitre, e simultaneamente defendendo a causa Paraguaia. Em “Las disensiones de las repúblicas del Plata y las maquinaciones del Brasil”, lê-se,

El Paraguay representa la civilización, pues pelea por la libertad de los ríos contra las tradiciones de su monopolio colonial; por la emancipación de los países mediterráneos; por el noble principio de las nacionalidades; por el equilibrio no sólo del Plata, sino de toda la

América del Sud, pues siendo todas sus repúblicas, excepto Chile, países limítrofes del Brasil, cada victoria del Paraguay es victoria de todas ellas, cada triunfo del Brasil es pérdida que ellas hacen en la balanza de poder americano. La campaña actual del Paraguay contra las pretensiones retrógradas del Brasil y Buenos Aires es la última faz de la Revolución de Mayo de 1810. Levantando el estandarte y haciéndose campeón de las libertades de América interior, esta joven república devuelve hoy a las puertas del Plata la visita que le hizo Belgrano en 1811. (ALBERDI, 1962, p.105)

Aqui percebemos a gênese de um recurso argumentativo que estará na base dos revisionismos a partir de então: a identificação do Paraguai com a causa americana e a sua colocação como baluarte da independência das repúblicas do continente, em contraposição ao imperialismo retrógado do Brasil. Ressalte-se que o antimonarquismo de Alberdi também destoava da visão civilizatória apresentada em “Bases”, quando comparou o escravismo brasileiro com o norte-americano ressaltando sua compatibilidade com o regime democrático, além de louvar a estabilidade do regime brasileiro.

Já em “Los intereses argentinos en la guerra del Paraguay con el Brasil”, Alberdi reforça a ideia de que a Guerra do Paraguai servia aos interesses unificadores de Mitre e era uma continuação direta das guerras civis argentinas,

Se puede decir que la alianza con el Paraguay es una de las tradiciones de la libertad argentina, de veinticinco años a esta parte. En ningún tiempo la presencia del Paraguay en suelo argentino fue considerada como afrenta hecha a su honor. Cuando el general Rosas le dio esta calificación en 1846, el ilustre general Paz la desmintió estrechando la mano del Paraguay en *Corrientes*, como aliado de la libertad. [...] A ninguno le ocurrió pasarse a las banderas del general Rosas, ni a este general le ocurrió esperar que sus opositores acudiesen a su defensa, solo que usaba del resorte que hoy le imita el general Mitre, de parapetarse detrás de la *dignidad nacional, del honor de la República*. Rosas fue más feliz en el sofisma, pues no se apoyó en el extranjero para defenderse del extranjero. El no creyó que era un medio de defender la dignidad del pueblo argentino, el constituirlo en puente, en asno, o en suizo del Brasil. Así, a la vieja excusa del general Rosas o del localismo de Buenos Aires, transformada y apoyada en la alianza del Brasil, los actuales patriotas argentinos responden con la vieja causa nacional apoyada en la alianza del Paraguay como en 1846. (ALBERDI, 1962, p. 105)

E continua:

La política actual del general Mitre no tiene sentido común si se la busca únicamente por su lado exterior. Otro es el aspecto en que debe ser considerada. Su fin es completamente interior. No es el Paraguay, es la República Argentina. (...) No es una nueva guerra exterior; es la vieja guerra civil ya conocida, entre Buenos Aires y las provincias argentinas, sino en las apariencias, al menos en los intereses y miras positivos que la sustentan. ¡Pero cómo! -se dice a esto- ¿No está ya restablecida la *unión* de la República Argentina? [...] La unión decantada deja en pie toda la causa de la guerra civil de cincuenta años, a saber: la renta de las catorce provincias invertida en la sola provincia de Buenos Aires. (ALBERDI, 1962, p. 140)

Muitos dos argumentos que se mostrarão fundamentais na constituição das bases dos revisionismos de nacionalistas ou escorados na Teoria da Dependência já estão presentes aqui. Essas estruturas argumentativas fundadas por Alberdi em oposição ao discurso Mitrista e a historiografia tradicional do império acabaram por delinear os alicerces principais que, como veremos, influenciarão todos os discursos revisionistas sobre o conflito.

Um ponto central que definirá grande parte dos discursos sobre a guerra é a aplicação da dicotomia *civilização versus barbárie* como justificativa – tão comum no século XIX – para as ações da Tríplice Aliança no Paraguai. Hábil com as palavras, Alberdi procurará demonstrar que o verdadeiro bastião da civilização é o Paraguai, atacado por Brasileiros escravistas e Liberais traidores. É nessa estrutura argumentativa que se basearão os marxistas da década de 1960 para pintar de forma idealizada um Paraguai civilizado e sem desigualdades. Vejamos suas origens,

¿Será la *civilización* el interés que lleva a los aliados al Paraguay? A este respecto sería lícito preguntar si la llevan o van a *buscarla*, cuando se compara la condición de los beligerantes. [...] No se trata de averiguar si el Paraguay está más o menos civilizado, sino si las provincias argentinas del norte y las provincias brasileras del sudoeste, lo más desheredados de estas dos ex colonias de España y Portugal, son los países llamados a llevar al Paraguay la civilización de la Europa, de que ellos mismos tienen tantísima necesidad. Si la civilización es la *igualdad civil* ¿es el Brasil con sus cuatro millones de esclavos, el llamado a llevarla al Paraguay? (ALBERDI, 1962, p. 142)

O Império constitui um dos principais alvos de Alberdi. Dessa forma, no intuito de mobilizar os argentinos contra a aliança com o inimigo histórico, o autor platino reforça sempre o inusitado de um consórcio entre a república platina e um império. Para Alberdi, além de curvar-se a um poder estrangeiro, Mitre fazia uma guerra que só ofereceria glórias ao Brasil; era uma guerra fratricida feita em nome de outro povo, movido por conjunto de valores distintos completava, deixando claras as referências racistas que permeiam seus textos dessa época, nos quais os termos “povo” e “raça” aparecem alternadamente, tal como expresso na passagem abaixo,

¿Qué honor cabría a la República Argentina en derrocar al presidente López, su pacificador de ahora cinco años, el que firma, como el mediador preferido a las naciones más civilizadas de la Europa, el *convenio de Noviembre* de 1859, en que descansa toda la organización actual de la República Argentina? Suponiendo que López fuese el mayor tirano de su país, como su tiranía no pesa sobre el cabello de un solo argentino, es el colmo de la locura sacrificar centenares de hombres y millones de pesos de un país despoblado y pobre, para voltear un tirano que no es tirano de los argentinos, para liberar a extranjeros de un poder extranjero como ellos.

Pero la posición del Brasil en cuanto a *honor* no es igual a la de sus *aliados*. El humilla a sus antípodas en sistema de gobierno, por dos caminos diferentes, como *enemigos* y como *aliados*. Si arranca banderas, son republicanas. Si se obtiene una capitulación, los rendidos se entregan al emperador porque no creen en la buena fe de los presidentes. El Brasil ataca a una raza rival y diferente. Los del Plata atacan a su propia familia, a los que hablan su lengua, profesan su sistema de gobierno y son su misma sangre. (ALBERDI, 1962, p. 178)

Alberdi formalizava assim uma visão clássica do império brasileiro, retratado como um vizinho exótico, um país imperialista que ameaçaria a paz, a segurança e o desenvolvimento das repúblicas vizinhas. Ainda que seus textos estejam eivados de determinismos geográficos, preconceitos raciais e idealizações em relação ao Paraguai e aos López, é importante entender o letrado como um ator político argentino relevante, ainda que exilado. Alberdi, nesse instante com muito menos influência sobre os discursos locais do que em momentos anteriores de sua carreira, articulava um discurso baseado principalmente na defesa de um federalismo que já mostrava sinais de exaustão. Rebeliões federalistas locais como as de Felipe Varela e “El Chacho” Peñaloza, em La Rioja e Cuyo, isoladas e derrotadas com violência pelas tropas de Mitre, demonstraram o que Justo José de Urquiza já percebera: que a maioria dos caudilhos locais já aderira ao projeto Liberal de Buenos Aires, ou, ao menos, não possuía forças para levantar-se contra o Estado nacional que impunha o litoral sobre o interior daquela república.

Anatomia das revoltas

Dois anos após a Batalha de Pavón e a reunificação nacional, ainda em abril de 1863, um caudilho *riojano* de 65 anos, Angel Vicente Peñaloza, El Chacho, se levantaria em armas contra o governo central. *El Chacho* era um veterano de inúmeras guerras ao lado dos Federalistas. Inicialmente seguidor de Facundo Quiroga, seu currículo de serviços prestados à causa federalista continha uma aproximação com Rosas e um posterior afastamento que o levou a aliar-se a Urquiza, de quem não se afastaria de Caseros até sua morte.

Peñaloza, derrotado junto a Urquiza em Pavón, resolveu retornar a La Rioja e, de lá, na medida de suas possibilidades, procurou combater a autoridade central de Buenos Aires fazendo frente às tropas da força expedicionária do interior, enviadas por Buenos Aires. Apesar das tensões crescentes, El Chacho parecia ciente de que a situação federalista era particularmente delicada, chegando, inclusive, a formalizar um acordo de paz com o general unitário Wenceslau Paunero, o Tratado de La Banderita. Entretanto, as negociações logo seriam anuladas pelo próprio Peñaloza, devido à exigência de troca de prisioneiros, o que foi prontamente recusado por Paunero. Em abril de 1863, cerca de um ano depois da frágil paz costurada por El Chacho e Paunero, o caudilho estaria novamente comandando uma montonera. (DE LA FUENTE, 2007, p. 176).

O epicentro da revolta de Peñaloza seria sua província natal La Rioja. Contudo, em um breve espaço de tempo, as tropas lideradas por El Chacho marchariam para o sul, invadindo a

província vizinha de Córdoba. Antes mesmo do fim de junho, cerca de dois meses depois do início das sublevações, as tropas rebeldes haviam capturado a capital desta província. Era o ponto de maior popularidade da revolta. Dali em diante a sorte dos rebelados mudaria drasticamente. No final do mês de junho, o General Paunero, o mesmo que havia negociado a paz com El Chaco um ano antes, derrotaria os rebelados na batalha de Las Playas.

A derrota de Peñaloza era um claro sinal da força que o Estado central parecia ter adquirido para impor sua vontade ao interior. As tropas de Paunero, compostas de homens do exército de linha e alguns milicianos, eram, mesmo na mais tímida das estimativas, duas vezes maiores que a montonera dos federais. (SARMIENTO, 1868. p. 40). Derrotado em Mendoza, restava a Peñaloza retirar-se aos *llanos*, de onde passou a organizar ações de guerrilha até ser vencido novamente na derradeira Batalha de Caucete, em princípios de novembro. A derrota custou a vida ao caudilho insurgente.

Em 1866, anos após o malogro de Peñaloza, novamente os ventos das montoneras federais soprariam pelas terras andinas, causando turbilhões em Catamarca, Córdoba, Mendoza, La Rioja, San Juan e San Luis. Teria início a revolta de Felipe Varela, que ficaria conhecida como a revolução dos colorados. Esse movimento armado desenrola seus primeiros atos em outubro de 1866, em Mendoza, onde tropas arregimentadas que marchariam em direção ao Paraguai sublevaram-se, contando inclusive com o auxílio de guardas locais que, ao menos em tese, estariam incumbidos da tarefa de manter em cárcere um conjunto híbrido de prisioneiros. Entre aqueles que jaziam atrás das grades da prisão local havia criminosos comuns, *gaúchos* recrutados à força pelo governo da província e, principalmente, líderes federais que, por se oporem ao governo, acabariam sendo enviados ao Paraguai.⁶

Entre estes prisioneiros especiais estavam dois caudilhos federalistas de razoável importância local, Carlos Juan Rodriguez e Pedro Viñas. Os dois líderes locais, uma vez libertos pela turba, partiriam ao encontro do governador da província, Don Melitón Arroyo, com o objetivo de depô-lo. Avisado da aproximação da turba, Arroyo e seu ministro Francisco Civit, fugiriam em direção a San Rafael, onde buscariam proteção junto às tropas de Pablo Irazzábal, um militar uruguaio de longa carreira nas guerras argentinas, responsável pelo assassinato de *El Chacho* alguns anos antes e que havia sido comissionado pelo governo central com a incumbência de liderar as tropas federais na fronteira indígena ao sul. Deposto o governo local, os revolucionários assumiram o controle da primeira cidade sublevada e, após breve deliberação dos revolucionários, Juan

⁶ Para uma análise mais detalhada dos bastidores da revolução bem como da situação da província de Mendoza antes do levante, ver: (ALVAREZ, 1957, p.217-233).

Rodriguez, sairia, no mesmo dia, da cela da cadeia de Mendoza para o posto de governador da província.

Em março de 1867 ocorreram as primeiras vitórias do governo central. Em San Luis os liberais saíam vitoriosos na batalha de San Ignacio, durante a qual o General Arredondo destruiria a força comandada pelo general Juan Saa que, sem outra opção, fugiu para o Chile com os poucos homens que ainda lhe restavam. No mês seguinte, em 10 de abril, viria a derradeira derrota dos colorados de Cuyo. Marchando em direção à La Rioja, um contingente de soldados vindos do Paraguai, liderados pelo general Antonino Taboada, derrotaria as tropas que formavam o coração da rebelião: os *gaúchos* de Felipe Varela. A vitória dos liberais na sangrenta Batalha de Pozo de Vargas acabaria se tornando um símbolo do sucesso do governo central no processo de construção do Estado nacional. Aturdidos com a vitória de Taboada, Varela e seus homens ainda vagariam em direção a Salta e Jujuy, fugindo e realizando pequenas ações de guerrilha no caminho até a Bolívia, onde Varela buscava adquirir apoios e reorganizar suas fileiras.

A última revolta federal de grandes proporções havia fracassado cerca de um ano depois de seu início. Apesar de algumas vitórias locais e da deposição do governo de Mendoza, os federalistas davam sinais de que estavam próximos de seus últimos suspiros no interior argentino. A nostalgia da causa federal foi captada com precisão nas zambas que circularam pelo interior do país no período. A figura de Varela, último baluarte da esperança colorada, era cantada desta forma:

¿Alto? ¿Quién Vive?
La Patria, que es gente paisana,
Derecha como una vela.
¡Viva el general Varela!

Gritemos los argentinos,
¡Viva el general Varela!
Por ser un jefe de honor
Que vivan sus oficiales
¡Viva la federación! (LATOUR, 1960, p.108)

A posição de Urquiza, de aparente condescendência com as ações de Mitre no Paraguai, também não foi esquecida por Alberdi. Em texto intitulado “Personalidades de cierto interés general”, Alberdi defende-se dos críticos que afirmavam que sua pena havia sido comprada por Urquiza e aproveita a oportunidade para expor atrasos em seu soldo remetido de Buenos Aires, o que atribui às críticas que vinha fazendo ao governo de Mitre.

Cuando el general Urquiza se hizo campeón de la causa que hoy defiende el general López (la emancipación de los países interiores), nosotros aplaudimos al mismo hombre que habíamos atacado en el tiempo en que sirvió de instrumento a Buenos Aires. Dijeron

entonces los amigos de esta provincia que habíamos recibido grandes sumas de Urquiza en precio del aplauso que le dábamos porque había abrazado nuestros principios. La misma calumnia cayó por su propio absurdo. Hoy que el general Urquiza, según ellos, se encuentra otra vez del lado de Buenos Aires, aprovechamos de la oportunidad para invitar a nuestros detractores a que se confirmen y cercioren en la fuente.

No dirá el general Mitre que ha comprado nuestro silencio, pues con sólo dejar de publicar nuestros dos últimos folletos habríamos percibido la porción no consolidada de nuestros sueldos atrasados, que nos ha sido denegada en castigo de haber defendido nuestro tratado de España, copiado más tarde al pie de la letra por sus mismos calumniadores. (ALBERDI, 1962, p. 103)

Tão interessante quanto a reclamação de Alberdi sobre o atraso de seus soldos é perceber, e esse ponto é central para nossa argumentação, como ele alinha Urquiza e López como defensores da causa das “províncias interiores” (McLynn, 1984, 235-251). Ao nivelar esses dois personagens, Alberdi coloca sob os ombros de López a defesa de uma causa federalista que parecia não ver mais em Urquiza, seu principal defensor histórico. O texto parece ainda mais curioso quando se leva em conta que o regime político centralizado do Paraguai pouco tinha a ver com as propostas confederativas dos federalistas argentinos. Travava-se de uma aliança diplomática entre sistemas políticos cuja principal atração era a repulsa à influência portenha.

O que se percebe até aqui é que Alberdi, profundamente envolvido no processo de construção da nacionalidade e da institucionalidade argentina, se utilizou da Guerra do Paraguai como instrumento para reforçar suas posições de crítica ao liberalismo de Mitre e ao centralismo de Buenos Aires. A obra de Alberdi nesses anos, espalhada por panfletos e cartas do exílio, contribuiu com um grande número de conceitos e representações que seriam fundamentais para substanciar toda uma linha de retórica que influenciaria diretamente a historiografia sobre a Guerra daquele momento em diante. Esse tipo de retórica será fundamental no movimento Lopizta, sobre o qual comentamos a seguir.

Lopizmo e recuperação histórica: outra face dos revisionismos

Diversos movimentos jazem dentro da alcunha do revisionismo. Um dos mais significativos entre eles, originário do próprio Paraguai, se trata de um esforço de recuperação da imagem de Solano López e é costumeiramente denominado *Lopizmo*. O revisionismo de caráter lopizta, nascido no Paraguai, se confunde com a figura de Juan O’Leary, o escritor paraguaio – talvez um dos mais influentes historiadores do país Guaraní durante o século XX, que dedicou praticamente toda a sua obra à produção de textos de cunho laudatório em relação à Solano López.

Nos textos de O’Leary, López aparece como um herói incompreendido, derrotado por forças extremamente superiores às suas. A coragem foi sua única arma. Sua capacidade de resistência seria

resultado da certeza de sua causa e nada mais. A própria trajetória de vida de O’Leary é bastante curiosa. Sua mãe, María Dolores, havia sofrido duramente graças aos desmandos de López. Viúva durante a guerra foi acusada de “derrotismo” pelos seus vizinhos e obrigada a deixar sua casa com seus filhos, três dos quais faleceriam durante a marcha. Dolores era mais uma das *destinadas* - eram as mães, esposas ou filhas de políticos ou homens da pequena elite guarani considerados traidores da Pátria – que vagavam pelas cordilheiras durante a Guerra, sofrendo com ataques diversos e, principalmente, com a fome.⁷

O processo da recuperação Lopizta feito por O’Leary começa nos 26 artigos clássicos publicados a partir de maio de 1902, no periódico *La Patria*, de Assunção. Seu objetivo máximo nestas publicações era “exaltar o heroísmo do povo vencido em uma luta desigual e expor às novas gerações as façanhas dos heróis da Guerra do Paraguai contra a Tríplice Aliança”. (YEGROS, 2007). Ainda nesse momento inicial, a figura de López era um tanto quanto secundária ao processo de revisão da Guerra feito por O’Leary. O debate só será consolidado por volta da década de 1920, quando será polarizado por dois grandes reivindicadores, de um lado, O’Leary e a defesa de Solano López e, de outro, Cecilio Báez e sua apologia de Francia.⁸ Obra central neste movimento de reconstrução da imagem de López será *El mariscal Solano Lopez*, de 1920 (O’LEARY, 1925), publicada em comemoração aos cinquenta anos da morte do ditador paraguaio. É lá que o pensamento lopizta se encontra de forma mais direta, e é a partir dela que o Lopizmo começa a se formalizar como ideologia com força política no Paraguai. Até este ponto, a discussão ainda estava restrita aos ambientes acadêmicos e não havia se tornado, em nenhum momento, política de governo. Essa circunstância mudaria na década seguinte.

O exército só se conformará, na condição de força ativa na política paraguaia, após a vitória sobre a Bolívia na Guerra do Chaco (1932-1935). A partir desse momento e da eleição do governo provisório de Rafael Franco, começarão as iniciativas em torno daquilo que foi chamado de “liberação histórica” paraguaia. Aliavam-se, assim, desejos de construção de uma memória do governo e as iniciativas de O’Leary. É a partir desse momento que sua figura ganhará o peso que mantém como líder do revisionismo paraguaio até hoje. Não foi aleatório o fato de que, também nesse momento, se construirá o Panteão Nacional dos heróis paraguaios, erguido no dia de aniversário de Solano López. (DORATIOTO, 2003, p. 82-86)

O revisionismo Histórico de O’Leary, o lopizmo como ficou conhecido e foi abordado em algumas revisões bibliográficas mais atualizadas, deve muito a outros escritos que, contemporâneos ao conflito, criaram os caminhos argumentativos sobre os quais se apoiariam os esforços de

⁷ Sobre as destinadas e as residentes durante a Guerra ver (CAPDEVILA 2010, p. 127-137) e (ALCALÁ, 1991.)

⁸ Sobre os impactos deste debate na literatura e na historiografia paraguaia ver: FOSTER, 1987.

recuperação da figura de López e Francia. O que procuraremos demonstrar ao longo das próximas páginas é que os revisionismos históricos são devedores diretos das argumentações de Juan Bautista Alberdi sobre a Guerra, publicadas em textos, panfletos e cartas contemporâneos ao conflito. Letrado exilado e personagem político federalista derrotado frente à consolidação do unitarismo liberal de Mitre, Alberdi viu na guerra contra o Paraguai a ação direta das forças liberais-centristas que tanto procurou combater. Inaugurou, dessa forma, três elementos básicos que conformam o revisionismo histórico, a saber: a recuperação da causa paraguaia, a teoria da conspiração mitrista-imperial e a utilização da Guerra do Paraguai como instrumento de retórica política.

Os revisionismos e as interferências políticas

Até aqui pudemos ver um elemento fundamental do revisionismo histórico: sua relação direta com as forças políticas nos contextos em que se desenvolve, seja apoiando-as ou opondo-se a elas. O Lopizmo paraguaio só ganhará o peso ideológico que obteve quando transformado em ideologia de Estado, com funções políticas claras de desenvolvimento de uma retórica nacionalista. Se a recuperação da imagem histórica de López surgiu, nas páginas da imprensa, pela curiosidade histórica de O'Leary, por volta da década de 1930 ela era muito mais do que isso, tratava-se de um instrumento de justificação da dominação política, de um autoritarismo paternalista que desprezava a experiência democrático-liberal.

Conforme mostramos nas sessões anteriores, os revisionismos historiográficos sobre a Guerra do Paraguai visavam, na grande maioria das vezes, cumprir funções retóricas específicas no conjunto de forças em combate nas sociedades nas quais foram criados. O exemplo mais claro desse processo será a vertente revisionista da década de 1960, o mais abordado entre os revisionismos. Com forte influência da teoria imperialista leninista e envolto pelas ideias da chamada Teoria da Dependência, essas obras visavam continuar o esforço de denúncia da ação da Tríplice Aliança, adicionando alguns novos elementos à retórica acusativa. Não mais restrito ao Paraguai ou a Argentina, o revisionismo de caráter denunciativo das décadas de 1960-1970 será um movimento sul-americano, tendo entre seus principais representantes, pesquisadores argentinos.

O país enfrentava o que Túlio Halperin Donghi definiu num livro clássico como uma “longa agonia” durante a qual o continuado intervencionismo militar, a crise econômica e a exclusão da principal força política do país estimularam análises históricas lastreadas na crítica à dependência da nação em relação aos centros do capitalismo mundial (Donghi, 2006). A luta dos caudilhos e a resistência paraguaia encaixavam-se como uma luva nesta agenda. Entretanto, a principal limitação destes revisionistas é uma tendência à simplificação exagerada nas explicações das causas dos

conflitos, combinadas a afirmação de teses construídas geralmente sem preocupações com o embasamento em fontes. Por esses motivos, seus argumentos tenderam a uma deterioração caricatural dos panfletos de interpretação política de Alberdi e da recuperação histórica de O’Leary e Baez.⁹

Destacando a violência e as atrocidades cometidas pelas tropas aliadas, a vertente revisionista da década de 1960 apresenta o Paraguai como uma república isolada e dona de um modelo original de desenvolvimento. Trata-se, portanto, de uma inversão das argumentações presentes na “vertente tradicional”. De um país atrasado nas mãos de um ditador tirânico, somos transportados a uma nação independente e harmônica, comandada por um líder com claras preocupações desenvolvimentistas de cunho nacional. Perceba como aqui o papel de López construído por Alberdi não é só aceito como ampliado à exaustão. O ditador paraguaio não é somente o herói da “causa das repúblicas internas” e sim o grande defensor da independência sul-americana.

Mesmo neste revisionismo da segunda metade do século XX, havia duas grandes linhas argumentativas centrais, a da unidade da América Hispânica e a da intervenção imperialista inglesa. A primeira dessas argumentações, a “versão da unidade da América hispânica”, identificará, no Paraguai e no próprio López, a continuidade em relação à causa da unidade das colônias espanholas na América, defendida desde seus processos de independência. López e sua nação serão perfilados ao lado de nomes como San Martín e Bolívar e a história da Guerra do Paraguai será entendida como o último e heroico episódio na tentativa de consolidação de uma unidade hispano-americana.

José Maria Rosa se transforma em um dos mais notáveis historiadores revisionistas argentinos e seu “La guerra del Paraguay y las montoneras argentinas”, o melhor exemplo da argumentação da unidade hispano-americana. (ROSA, 1986, p. 14) É impossível ignorar a relação direta entre a obra de Rosa e os modelos interpretativos criados por Alberdi. Não só por entender a Guerra do Paraguai como continuidade das “montoneras” argentinas, mas também por exagerar o papel de Solano López como defensor da causa Sul-Americana e ligá-lo a personagens como Artigas. No prólogo de seu trabalho, Rosa sintetiza seus argumentos,

[...] esa tragedia de veinte años que descujó la América española y le quito la posibilidad de integrarse en una nación, por lo menos durante un largo siglo que aún no hemos transcurrido. Fue ella última tentativa de una gran causa empezada por Artigas en las horas iniciales de la Revolución, continuada por San Martín y Bolívar al cristalizarse la independencia, restaurada por la habilidad y férrea energía de Rosas en los años del *sistema americano* y que tendría en Francisco Solano López su adalid postrero. Causa de la Federación de los pueblos libres contra la oligarquía direccional de una masa nacionalista

⁹ Ainda que com suas especificidades, podemos citar como exemplos desta vertente as obras de León Pómer, Eduardo Galeano e Julio José Chiavenatto. Ver: (CHIAVENATTO, 1999); (GALEANO, 2007) e (POMER, 1981).

que busca su unidad y su razón de ser frente a minorías extranjerizantes que ganaban con mantener a América débil y dividida. (ROSA, 1986, p. 14)

O Paraguai transforma-se, ao mesmo tempo, em último paladino e mártir de uma causa. A luta travada é interpretada como continuidade em relação às lutas pela independência do continente. O país será visto como uma nação *sui generis*, comandada por um líder benevolente e dona de um desenvolvimento econômico de cunho nacional contrário aos interesses externos. A destruição da nação paraguaia será interpretada como o aniquilamento dos projetos de unidade na região do Rio da Prata, perpetrado pelo expansionismo brasileiro associado às forças liberais da unificação argentina.

O principal problema desta perspectiva é a desconsideração das especificidades regionais dos processos de formação das nações argentina e paraguaia. Atribuir à nação paraguaia o desejo de perpetuação da unidade do Vice-Reinado do Prata é, ao nosso ver, imputar ao país Guarani um imaginário que era muito mais presente em setores da elite portenha do que no governo de Assunção. Podemos compreender este argumento se nos voltarmos ao processo de independência da nação Guarani e à luta empreendida para que Buenos Aires reconhecesse a independência paraguaia, o que, de fato, só ocorreria em 1852, através do tratado de Derqui-Varela. Se havia qualquer projeto de unidade sul-americana, ou ao menos de reconstrução do Vice Reinado do Rio da Prata, ele estava sendo pensado como continuidade da influência buenairense na região. Diminuídas as grandes resistências federalistas – o ápice ocorrerá na batalha de Pavón– Buenos Aires impunha seu projeto de hegemonia às províncias do interior e do litoral argentino, como também para toda a área do antigo Vice Reino.

Ao longo do texto o escritor argentino embasa suas afirmações em documentos. Rosa peca ao subestimar as motivações do Império e ao ignorar a força política da elite buenairense no Prata. Sua grande contribuição é a proposta de uma obra analítica menos descritiva sobre a Guerra do Paraguai. Ainda que seus argumentos sejam frequentemente expostos através de simplificações, Rosa trouxe a Guerra para a dimensão do debate, tirando-a da monótona descrição de batalhas e estratégias, tão comum na vertente tradicional.

Outra perspectiva revisionista, esta com muito mais peso e influência nos setores acadêmicos e mesmo no conjunto da sociedade, é aquela que defende que a Guerra do Paraguai foi resultado da intervenção imperialista inglesa e de sua ingerência nos assuntos nacionais das nações sul-americanas. No centro dessa argumentação está a ideia de que a Guerra seria o resultado do choque entre duas estratégias de desenvolvimento antagônicas. A primeira delas seria a de caráter nacional independente, representada aqui pelo Paraguai e seu pretenso modelo isolacionista. A

segunda estratégia de desenvolvimento seria a escolhida pelo Brasil e pela Argentina, que baseavam seu desenvolvimento na dependência de recursos e de tecnologia europeia associando-se subalternamente aos principais centros do capitalismo. Dessa forma, a ação da Tríplice Aliança contra o Paraguai não significava somente a destruição de um governo e das estruturas de seu país, mas também, em último caso, o golpe de morte dado pela força motriz do capitalismo à época, a Inglaterra, contra um modelo de desenvolvimento que lhe parecia ameaçador.

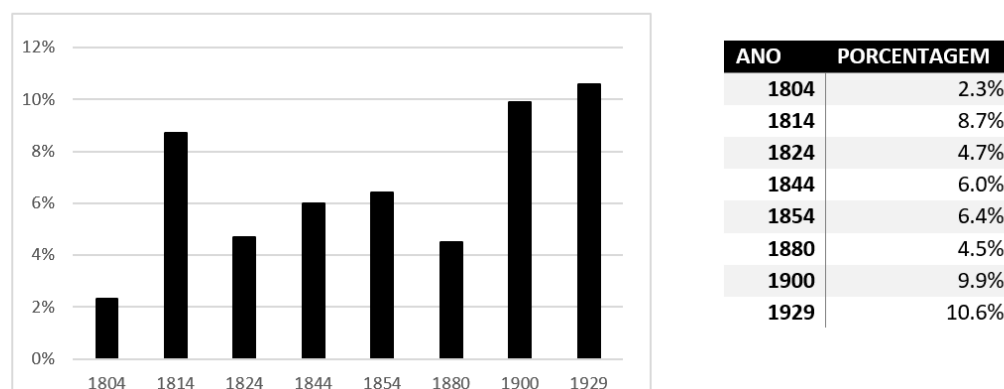
A versão da intervenção imperialista cujo melhor exemplo é a obra de León Pomer, vincula a Guerra do Paraguai à dinâmica de subordinação das nações sul-americanas aos interesses do imperialismo inglês. Pomer apontará, no processo histórico de construção da nação Guarani, as características que reafirmaram sua tese de uma trajetória econômica *sui generis* – ou seja, o isolamento em relação aos outros países do continente, a pequena pauta de importações, a existência de pequenas manufaturas, a construção de uma estrada de ferro, a importação de técnicos. (POMER, 1981) Ressalte-se, entretanto, que a defesa de um Paraguai idílico não é o cerne do trabalho de Pómer. Em grande parte da sua obra, Pomer dedica-se a realizar uma história econômica descritiva (aqui a metodologia da base/superestrutura marxista parece orientá-lo) do desenvolvimento argentino e da influência da Inglaterra nesse processo.

Nesta perspectiva, López passa a ser definido como um visionário, defensor da independência paraguaia ante o jugo do poder britânico. Do outro lado das trincheiras de guerra, estariam Estados subservientes aos interesses do capital inglês, “marionetes” do capitalismo europeu em terras americanas que tinham como objetivo abrir, mesmo que à força, o acesso inglês ao mercado paraguaio. Ainda segundo essa perspectiva, a existência de um país tão peculiar no Prata seria uma ameaça à presença inglesa na região, posto que seu desenvolvimento acabaria por consolidar um modelo de oposição viável ao imperialismo e à ingerência externa dele advinda. Urgia, então, seguindo esta lógica, que alguma atitude fosse tomada para abrir mais um mercado aos produtos manufaturados ingleses, reforçando a posição hegemônica da City of London nos negócios sul-americanos. Pomer mudará bastante a ênfase a sua abordagem em relação a esse tópico ao longo da sua carreira. Contudo, em “Paraguai: nossa guerra contra esse soldado”, ele afirma,

Existe alguma coisa que os obriga [Brasil, Argentina e Uruguai] a se porem de acordo, apesar das diferenças e contradições que os dividem: o poder da City, a ganância capitalista que não tolera que alguém contrarie sua cobiça, exige a extirpação de todo o mau exemplo, como o Paraguai, que tem a petulância de realizar uma política de desenvolvimento de cunho exclusivamente nacional. (POMER, 1980, p. 31)

Entretanto, com base neste mesmo argumento, isto é, nas peculiaridades do processo de formação paraguaio, podemos perceber que desde os primórdios de sua colonização, a região que viria a dar origem à nação Guaraní assumia uma postura periférica, afastada dos grandes centros de produção da região platina. A grande presença de missões jesuíticas na história colonial paraguaia terá profunda influência na conformação dos modelos de exploração da terra e do trabalho.¹⁰ O fechamento do estuário do Prata tanto durante as longas guerras pós-independência quanto durante o longo governo de Rosas também não facilitaram a expansão do comércio. Assim, não é exagero concluir que as especificidades do caminho que o Paraguai tomará após sua independência resultam muito mais das particularidades de seu processo de colonização e dos entraves colocados às trocas comerciais no Prata, que de uma opção consciente por um modelo de desenvolvimento independente.

Gráfico 1 – Porcentagens de importações da Grã-Bretanha na América do Sul em relação ao total de suas importações.



Fonte: BULMER-THOMAS, Victor. British trade with Latin America in the nineteenth and twentieth centuries. University of London: Institute of Latin Studies Occasional Papers. N. 19, 1998. p.3-5.

A despeito das afirmações de Pomer, e outros revisionistas, não existem evidências empíricas que substanciem as afirmações desses autores. Pelo contrário, trabalhos como o de Diego Abente Brun (1987) nos mostram que o Paraguai não constituía um mercado extremamente interessante para o capital britânico. Mesmo no que diz respeito à importação de algodão, principal produto da pauta de exportações Guaraní, em relação à Inglaterra, a participação paraguaia era mínima, ocupando, comparativamente, cerca de 3% das exportações brasileiras do mesmo produto para a Grã-Bretanha – é verdade, contudo, que essas importações foram ligeiramente alargadas durante o período da Guerra Civil Americana. O Paraguai estava longe de ser um agente economicamente relevante mesmo diante de seus vizinhos mais próximos (ver tabela 2). Dessa

¹⁰ Sobre a fraqueza desta argumentação indicamos conferir o trabalho de (Ricardo Salles 1990, p. 27-28).

forma, os argumentos de cunho economicista, que insistem na relevância da abertura do comércio Guarani, definham quando expostos aos dados apresentados pelos vestígios históricos das trocas econômicas em curso. Assim sendo, fica difícil encontrarmos sustentação para afirmar que a Inglaterra esteve no centro das motivações capazes de explicar a eclosão do conflito.¹¹

Leslie Bethell (1995, p. 19-36), em trabalho fundamental para esta discussão, aponta como a ação direta da Grã Bretanha no conflito estaria totalmente em desacordo com as tendências gerais de sua política externa para o período. Bethell aponta como as estratégias de consolidação do poder britânico na América do Sul assumiam uma posição menos incisiva, desenvolvendo-se a partir de uma lógica de força relativa, ou seja, fazia valer seus interesses principalmente através do controle econômico sobre as elites locais, e pela ação de sua diplomacia, do que necessariamente por ações militares diretas ou financiadas – isso dentro do contexto da América Latina é claro. Assim, ainda que a Guerra tivesse sido desenvolvida com o interesse da abertura da praça de Assunção ao sistema capitalista mundial, seus resultados apontam para um enorme fracasso. Dez anos depois da Guerra do Paraguai, em 1880, os negócios ingleses no Paraguai representavam apenas 1% do total investido pelos britânicos na América do Sul.

Tabela 1 – Exportações e desenvolvimento econômico no Cone Sul.

	<i>Exportações em Libras esterlinas</i>		<i>Arrecadação do Governo em Libras esterlinas.</i>	
	Década de 1850	Década de 1860	Década de 1850	Década de 1860
<i>Paraguai</i>	211,801	307,798	138,859	281,043
<i>Argentina</i>	2,126,704	6,774,435	872,763	1,845,862
<i>Brasil</i>	9,257,828	13,706,407	3,661,448	4,666,897
<i>Uruguai</i>	1,160,714	1,347,809	-	870,714

Fonte: ABENTE, Diego. The war of the triple alliance: Three explanatory Models. Latin American Research Review. V. 22. N.2. 1987. p. 61.

Ainda que as afirmações defendidas pelos revisionistas careçam de comprovação, elas foram consumidas durante um tempo relativamente longo como o modelo central da interpretação, com espaço razoável nos livros didáticos e nos exames de seleção pública para o magistério ou mesmo nos vestibulares. No Brasil, a oposição à ditadura militar, então instalada, se confundiu com as perspectivas revisionistas oferecidas pelo estruturalismo de então. A intenção manifesta de desconstrução da memória militar se sobrepôs ao ajuste de verificação da documentação pertinente, num compromisso de fidelidade do historiador para com seus fatos. Também na Argentina a

¹¹ A teoria da dependência, desenvolvida no âmbito da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), por intelectuais como Ruy Mauro Marini, André Gunder Frank, Theotonio dos Santos e Vania Bambirra, visava apresentar uma interpretação marxista não ortodoxa para o processo de subdesenvolvimento das áreas periféricas do capitalismo mundial. Assim, sua extrapolação para a interpretação histórica do caso paraguaio estava diretamente integrada dentro das tendências intelectuais da época.

posição à ditadura militar, instaurada em 1966, estava nos desígnios dos revisionistas. O próprio Pomer teve problemas com o governo ditatorial do general Juan Carlos Onganía e exilou-se em São Paulo.

Conclusão

Ao longo das últimas páginas, fizemos um breve sobrevoo pelas principais matizes interpretativas argentinas do chamado revisionismo histórico da Guerra do Paraguai. Infelizmente tivemos que deixar de fora autores importantes como Felix Luna e Milcíades Peña por absoluta falta de espaço. Apesar de resumido em torno de um único conceito, observamos que o revisionismo histórico é, na verdade, múltiplo e bastante diverso. Conforme argumentamos ao longo deste trabalho, este elemento em comum é a sua origem, a saber, os escritos políticos de Juan Bautista Alberdi.

As interpretações de Alberdi sobre a guerra do Paraguai se formalizaram na condição de principal matriz para as diferentes compreensões historiográficas e políticas sobre a Guerra do Paraguai. Seus escritos, que visavam subverter a hegemonia buenairense na construção do Estado argentino, acabaram influenciando um grande número de trabalhos – igualmente históricos e políticos – que, muitas vezes, não referenciaram diretamente suas origens alberdianas. Alberdi é, nesse sentido, o primeiro dos revisionistas históricos, pensador responsável por inaugurar um modelo interpretativo alternativo que via na Guerra do Paraguai não só a continuidade das guerras argentinas, mas também o resultado de uma conspiração imperial e unitária para a manutenção de uma lógica de poder colonialista.

Desta raiz original surgem elementos que formalizam o fundamento dos revisionismos: a defesa da causa paraguaia, a valorização da figura de Solano López, a caracterização do Império como um elemento de desestabilização na política do Prata, etc. Com maior ou menor ênfase, as vertentes revisionistas reutilizaram-se desses argumentos para construir interpretações que denunciaram as injustiças e arbitrariedades da política daquela nação, mantendo um entendimento alberdiano da história. Assim, ainda que tenham fracassado no suporte imediato a causa dos federalistas, as ideias de Alberdi demonstraram forte vitalidade ao sobreviver para muito além da sua época original, oferecendo insumos aos debates a respeito dos rumos do desenvolvimento econômico da Argentina ao longo do século XX.

Referências

Fontes

ALBERDI, Juan Bautista. *Bases y Puntos de Partida para La Organización de La república Argentina*. Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, 1990.

ALBERDI, Juan Bautista. *Historia de la Guerra del Paraguay*, Buenos Aires: Ediciones de la Patria Grande, 1962.

Bibliografia

ABENTE Brun, Diego. The war of the triple alliance: Three explanatory Models. In *Latin American Research Review*. V. 22. N.2. 1987.

ALCALÁ, Guido Rodriguez. *Residentas, destinadas y traidoras*. Assunção: R.P Criterio, 1991.

BREZZO, Liliana M. La Historiografía Paraguaya: Del Aislamiento a la superación de la mediterraneidad. In: *Dialogos*, v.7. n.1, 2003;

BULMER-THOMAS, Victor. *British trade with Latin America in the nineteenth and twentieth centuries*. University of London: Institute of Latin Studies, Occasional Papers. N. 19, 1998.

CAPDEVILA, Luc. *Una Guerra Total: Paraguay (1864-1870)*. Buenos Aires: SB Editorial, 2010.

CHIAVENATTO, Júlio José. *O Genocídio Americano: A Guerra do Paraguai*. São Paulo: Ed. Moderna, 1999;

CRESPO, Horacio. ‘Con Profundo Dolor’: La Campaña Crítica de Juan Bautista Alberdi em La Guerra de La Triple Alianza Contra El Paraguay. In Guillermo Palacios e Erika Pani (orgs.). *El Poder y La Sangre: Guerra, Estado Y Nación em La Década de 1860*. México: El Colegio de México, 2014, p. 279-313.

DONGHI, Tulio Halperín. *La Larga Agonía de la Argentina Peronista*. Buenos Aires: Ariel, 2006.

DORATIOTO, Francisco Fernando M. *Maldita Guerra: Nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

FOSTER, David William. *Handbook of Latin American Literature*. Michigan: Garland Pub. 1987.

GOLDMAN, Noemí. *Lenguaje y revolución. Conceptos políticos clave en el Río de la Plata, 1780-1850*, Buenos Aires: Prometeo, 2008.

GONZÁLEZ BERNALDO DE QUIROS, Pilar. *Civilidad y política em los orígenes de la Nación Argentina. Las sociabilidades en Buenos Aires, 1829-1862*, Buenos Aires: FCE, 2000.

IZECKSOHN, Vitor. *Slavery and War in the Americas: Race, Citizenship, and State Building in the United States and Brazil, 1861-1870*. Charlottesville: University of Virginia Press, 2014.

McLynn, James. The Ideological Basis of the Montonero Rasings in Argentina. In: *The Historian*, Volume XLVI, no. 2, 1984, p. 235-251.

PIRES JUNIOR, Arnaldo Lucas; IZECKSOHN, Victor. Juan Bautista Alberdi, a Guerra do Paraguai e os Revisionismos Históricos

MYERS, Jorge. Orden y virtud. El discurso republicano en el régimen rosista. Bernal: UNQ, 1995

O'LEARY, Juan. El Mariscal Solano López. Madrid: Imprenta de Félix. Moliner, 1925.

PALTI, Elías. *El pensamiento de Alberdi*, Buenos Aires, Facultad de Filosofía y Letras: 1989. (Tesis) Licenciatura en Historia. Universidad de Buenos Aires.

POMER, León. Guerra do Paraguai: a grande tragédia rioplatense. 2ª Edição. São Paulo: Global Editora, 1981.

POMER, León. Paraguai: Nossa guerra contra esse soldado. São Paulo: Centro editorial Latino Americano, 1980.

ROSA, José Maria. La guerra del Paraguay y las montoneras argentinas. Buenos Aires: Hispanoamerica, 1986.

SALLES, Ricardo. Guerra do Paraguai, escravidão e cidadania na formação do exército. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

TERNAVASIO, Marcela. Historia de La Argentina, 1806-1852. Buenos Aires: Siglo Vientiuno Editores, 2013.

YEGROS, Ricardo Scavone. Juan O'leary: Recuerdos de Gloria. Assunção: Servilibro, 2007.

ZUBIZARRETA, Ignacio. Unitarios. Historia de La Facción Política que Diseñó La Argentina Moderna. Buenos Aires: Sudamericana, 2014.